

POLLOCK DO JARDIM CONSOLAÇÃO

Mudei para o Jardim Consolação, zona sul de Franca, no início de 1977 e, embora já tenham ido mais de quarenta anos por aqui, ainda não fui tombado como patrimônio histórico do bairro, há personagens bem mais interessantes que eu e que mereceriam a honraria, como o homem do jogo do bicho que coleta as “fezinhas” diariamente e passa recolhendo as apostas nas biroscas de esquina.

Nestas andanças pelo bairro e atendendo a lista de compras da patroa já passei por um perrengue pollockiano. Jackson Pollock é um famoso pintor norte-americano, considerado um mestre do expressionismo abstrato, como o pintor Rodolfo Chiaverini é para a Franca do Imperador. Nascido em 1912, faleceu num acidente automobilístico em 1956. Teve sérios problemas com o álcool e sua mulher, a pintora Lee Krasner, foi seu esteio e influência. O filme com a história de sua vida concorreu ao Oscar em 2000, recomendo para quem gosta de artes visuais. Sua técnica, o chamado “gotejamento”, consistia em respingar tintas na superfície de suas telas de grandes dimensões, que deixava no chão, abandonando o cavalete e os pincéis, a “action painting”. Embora sua arte de características monumentais tenha amplo reconhecimento, Pollock nunca saiu dos Estados Unidos, nunca esteve no Brasil e menos ainda no Jardim Consolação da velha Franca do Imperador.

Certa tarde, recebi da patroa uma lista de tintas para comprar. Como tenho juízo, obedeci e fui até uma loja de tintas no bairro da Estação, onde adquiri uma lata de tinta acrílica amarelo-trator. Quando cheguei ao Laboratório das Artes, ao abrir a porta do carro e pegar a lata, a tampa soltou e, sem que eu percebesse, escorreu tinta por todo lado. Caiu no tapete do carro, na minha surrada calça jeans, no sapato novo da Opananken e no asfalto recém-recapado da rua Cuba. Quando vi a coisa respingando no chão é que me dei conta, havia girado para lá e para cá, uma pintura foi iniciada no negror do piso asfáltico da rua. O resultado desta obra de arte com nítida influência da “action painting” de Pollock resiste às intempéries e ao trânsito ininterrupto da via pública, falta apenas o aplauso da crítica especializada.

Se descobrissem o valor desta obra de arte pública, talvez pudesse cobrir o prejuízo que tive à época. Perdi uma calça velha desbotada, um par de sapatos e o tapete do motorista. Reclamei, mas a loja se recusou a pagar meu prejuízo, alegando que havia entregado a lata fechada (e não estava, nem havia mexido nela). Aceitaram apenas fornecer uma nova lata de tinta que, por via das dúvidas, embulhei e transportei como se estivesse carregando meus netos, evitando buracos, valetas e lombadas, sem sobressaltos. Sua punição foi que a cortei da minha lista de fornecedores, nunca mais comprei nada lá.

Mauro Ferreira é arquiteto